ENTRE MÃOS E SINAIS, PALAVRAS E RIMAS

BETWEEN HANDS AND SIGNS, WORDS AND RHYMES

Mariana Duarte Amorim [1]
Maria Carolina Casati Digiampietri [2]

Resumo
A poesia em língua de sinais é uma importante arma no empoderamento da cultura surda. Diante disso, o artigo mostra através de pesquisa bibliográfica, a construção de uma poesia em língua brasileira de sinais. Mostra, também, a transformação de um "simples" sinal em um "sinal-arte". Entende-se o orgulho surdo, sua experiência sensorial de vida e como isso afeta sua produção poética.
Palavras-chave: Poesia. Poesia em Língua de Sinais. Sinal-Arte.

Abstract
The poetry done in Sign Language is an important weapon for the empowerment of deaf culture. Considering that, this article shows through a bibliographical research, the construction of a poem in Brazilian Sign Language (Libras). It also discusses the transformation of a "simple sign" into an "art-sign". This paper understands deaf pride, its sensorial life experience and how those aspects affect the deaf poetical production.
Keywords: Poetry. Sing Language. Art-sign.

INTRODUÇÃO

Nos encontros entre mãos e sinais é possível ver uma poesia? O que dizer daquele *gesto* alongado em que "casa" se transforma em "árvore"? Gesto ou Sinal? Por que analisar uma poesia em língua de sinais? Por que surdos e ouvintes são iguais? São iguais. São diferentes, mas iguais. Porque na poética encontra-se um lugar comum para depositar os sentimentos. Porque mesmo na suavidade de algumas coesões estéticas e poéticas revelam-se as maiores fragilidades humanas.

Inclusão, exclusão. Sabe-se que no Brasil a exclusão social carrega consigo muitas raízes periféricas e antigas. O preconceito por (muitas) vezes não deixa espaço para o pobre, o negro, o homossexual, o ex-presidiário, o cadeirante, o surdo. No entanto, o presente artigo não

[1] Graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: mda_lifearts@hotmail.com
[2] Mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: mariacarolina.casati@gmail.com

pretende corroborar um assunto de ordem social. Pretende-se aqui, conhecer e analisar uma poesia realizada em língua de sinais.

Um sinal utilizado informalmente no cotidiano, entre surdos e surdos, ou surdos e ouvintes, pode ganhar uma nova forma, uma nova configuração, ao ser utilizado dentro uma poesia em língua de sinais? Como reconhecer, então, esse sinal? Essa foi a pergunta chave para que o artigo pudesse buscar sua fundamentação.

Numa poesia comum, produzida em Língua Portuguesa – ou em outra língua oral –, as palavras se diferenciam das acepções do cotidiano quando são colocadas ao longo do texto lírico. O "eu" poético não utiliza a mesma voz usada para comunicar algo, como por exemplo, *o almoço está servido*. Ele dirá de maneira mais artística que *a comida já está posta à mesa para todos*, que *sobre a mesa eis que a encontro, pronta para ser saboreada*, etc. Mas na língua de sinais será possível identificar esse sinal mais artístico?

Se na Língua Portuguesa encontra-se definições que revelam que a poesia é composta por ritmos melódicos e auditivos (CEGALLA, 2004), como é possível ouvir uma poesia em língua de sinais? E como enxerga-la? Como enxergar a poesia na poesia? Drummond, poeta mineiro, era capaz de fazer o leitor adentrar em uma esfera poética em poucas linhas, em poucos segundos. Será que a necessidade de ouvir, em ouvintes, consegue se libertar e entrar numa esfera poética idealizada por poetas surdos? Será que "veem" a sua língua?

O presente artigo baseado em pesquisa bibliográfica examina através da lente de autores como Cegalla, Faraco, Gesser, Moura, Quadros, Strobel, Sutton-Spence para tentar responder (sem pretensão alguma de conseguir) essas perguntas. Tenta elucidar parte desses questionamentos, reconhecendo que a língua de um povo, é parte fundamental para a continuação de uma cultura.

Novamente, a poesia pode ser encontrada em livros específicos, em sites, no metrô, na fala de alguma criança, mas e na língua de sinais? Vê-se que a língua de sinais, portanto, por possuir uma estrutura própria, possui também um caminho a ser transpassado no momento da criação de uma poesia.

No trabalho de Sutton-Spence e Quadros (2006) "Poesia em Língua de Sinais: traços da identidade surda" tem-se a base para alinhar a pesquisa. Neste trabalho, as autoras expõem uma teoria coerente e completa, fato que por meio dela, compreendem-se melhor as escolhas do poeta e professor surdo Alexandre Melendes em seu poema "Inclusão".

"Inclusão", uma poesia em língua de sinais, captada em vídeo pelo Centro de Educação para Surdos Rio Branco, interpretada por Melendes, foi a poesia base para a pesquisa por conter traços técnicos, melódicos, agradáveis, beleza e suavidade em seu total[3]. A poesia original "Meu Abraço", foi escrita pela poetisa ouvinte Aline Lira, especialmente para o dia nacional dos Surdos que, assim como ocorre em vários lugares do país, também é comemorado todos os anos no referido Centro.[3]

[3] Dia 26 de setembro é celebrado o Dia Nacional do Surdo no Brasil. Nesta data, em 1857, foi inaugurada a primeira escola para Surdos, atual INES-Instituto Nacional de Educação de Surdos.

2 LÍNGUA, SINAIS E POESIAS

A poesia, "linguagem subjetiva, carregada de emoção, com ritmo melódico constante, bela e indefinível como o mundo interior do poeta", como fala a definição de Domingos Paschoal Cegalla (2004, p. 420), além de fonte inspiradora de poetas e não poetas, é a base da proposta norteadora do presente artigo.

Compreende-se então que, a linguagem é "um conjunto de signos que se relacionam entre si, de maneira organizada, formando um sistema." (FARACO; MOURA, 1998, p.18). Servindo dessa forma, como um meio de comunicação entre os indivíduos.

Ainda na definição dos autores, sabe-se que "a língua é um tipo de linguagem; é a única modalidade de linguagem que utiliza palavras." (Idem, Ibidem, p. 18). E que, portanto, "língua é a linguagem verbal utilizada por um grupo de indivíduos que constituem uma comunidade." (Idem, op. cit., p.18).

Dependem dessas linguagens: a comunicação e a construção de poesias, para que possam vir a se efetivar. Vive-se em sociedade, e, sendo assim, comunicação e sociedade acabam por se relacionarem densamente também:

> Uma não existe sem a outra: uma língua só existe se há uma comunidade que a utiliza, e um agrupamento de pessoas só constituirá uma comunidade se tiver uma língua que possibilite a comunicação das pessoas desse grupo.
> As diversas linguagens empregadas pelo homem fazem parte do conjunto de elementos que distinguem uma sociedade de outra.
> O homem só consegue acumular conhecimento porque criou e emprega a linguagem. A capacidade de aprender é diferente no homem e nos animais: o homem acumula conhecimentos e uma geração pode transmitir conhecimento a outra. (FARACO; MOURA, 1998, p. 19).

A esse acúmulo de conhecimentos transmitidos de uma geração a outra, dá-se o nome de cultura: um saber e um fazer transmitido através da linguagem. Na cultura, tem-se a soma dos grandes feitos pelo homem. "A linguagem é ao mesmo tempo um elemento da cultura e condição fundamental para a sua existência." (FARACO; MOURA, 1998, p. 19).

Sendo a linguagem essa condição essencial para a continuidade da cultura, é fato então, que ambas andem juntas, complementando uma a outra. Nesse contexto, pensar a cultura é pensar a linguagem. E ao se pensar em uma linguagem, pensa-se, consequentemente, em uma língua por trás dela. Na subsistência de uma língua, uma cultura. Dentro de uma cultura, a poesia.

A respeito da poesia, Cegalla diz:

> Vazada em linhas descontínuas ou *versos*, que podem ser *metrificados* ou *livres*, a linguagem poética, sob o aspecto auditivo ou melódico, se caracteriza pelo *ritmo*, bem mais acentuado que na prosa, e pela eventual utilização da *rima*. (CEGALLA, 2004, p. 420, grifo do autor).

Entende-se como "verso livre" o verso que expressa de forma mais espontânea os sentimentos do poeta, não se prendendo tanto às regras da versificação. Assim, "verso livre" é aquele que:

> [...] não obedece aos preceitos da versificação tradicional, mormente no que tange à métrica e ao ritmo. Não se subordina a número fixo de sílabas nem à regular distribuição dos acentos tônicos. Seu movimento rítmico é, por isso, menos perceptível que o do verso metrificado. Em compensação, por ser mais espontâneo e livre de artifícios, o verso moderno se presta melhor à expressão dos sentimentos. (CEGALLA, 2004, p. 430).

Nessa perspectiva, sendo a poesia uma linguagem caracterizada como um gênero lírico, pertencente ao gênero literário, sabe-se também que:

> 1) o objetivo do emissor não é contar qualquer acontecimento do mundo exterior ou mesmo descrever esse mundo. Portanto, num poema lírico geralmente não há enredo, descrição ou personagens;
> 2) o eu-poético está centrado na sua realidade interior, já que seu propósito é expressar essa realidade. Por isso, o texto é subjetivo;
> 3) textos do gênero lírico são geralmente escritos em versos, mas há lirismo também em textos escritos em prosa. (FARACO; MOURA, 1998, p. 59).

Se na subsistência de uma língua, como dito antes, tem-se as produções culturais, pode-se compreender que parte dessa produção se consolida também através da poesia. Encontra-se então, na Língua de Sinais, a solidificação de uma Cultura Surda. Cultura essa, em constante contato com outras culturas; pois "somos permeados, sejamos surdos ou ouvintes, por múltiplas identidades e culturas." (GESSER, 2009, p. 52, GESSER, 2006: 136-144).

Entretanto, faz-se necessário antes de qualquer contextualização, reconhecer na Cultura Surda a junção de uma pluralidade cultural. A esse respeito, a pesquisadora surda Karin Strobel explica:

> [...] não se trata somente de reconhecerem a diferença cultural do povo surdo, e sim, além disso, de perceberem a cultura surda através do reconhecimento de suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorização de suas formas de viver e se relacionar. (STROBEL *apud* GESSER, 2009, p. 53).

E na Cultura Surda, encontra-se a poesia em língua de sinais. Uma poesia visual. Que difere, portanto, da definição de Cegalla (2004), dita mais acima, onde a linguagem poética caracterizava seu ritmo não só sob um aspecto melódico, mas também sob um aspecto auditivo. Se na poesia em Língua Portuguesa, é necessário que seu ritmo para ser *ritmo* esteja sob aspectos auditivos, como então, ouvir o ritmo da poesia em língua de sinais? Talvez o ponto em questão, não seja ouvir. E sim, ver.

Tem-se, portanto, evidenciadas a partir de agora, as descrições e questões necessárias para analisar a poesia em língua de sinais encontrada para nortear a pesquisa, detalhada mais a frente.

2.1 Língua de Sinais: palavras ditas com as mãos

É certo que sem a língua, tornar-se-ia dificultoso para um povo a comunicação. Não se comunicando, um povo não promulga a sua cultura. E o que é um povo sem cultura? Após anos de repressão e luta, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS ou LBS) pode finalmente se tornar uma língua oficial através da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Solidificando dessa forma, a cultura surda. Não que antes essa cultura – ou essa língua – não existisse. Mas agora ela teria um caminho regimentado a ser propagada.

"É por meio da cultura que um povo se constitui, integra e identifica as pessoas e lhe dá o carimbo de pertencimento, de identidade." (STROBEL, 2008, p. 22). Uma identidade, portanto, que eleva o orgulho surdo, finca suas raízes, reflete suas lutas, suas conquistas. E em se tratando de cultura, Strobel (2008) ainda completa que "a existência de uma cultura surda ajuda a construir as identidades das pessoas surdas dentro da sociedade." (STROBEL, 2008, p. 22).

Constata-se desse modo nos registros mais antigos, um breve histórico dos surdos no mundo e no Brasil:

> - **Antiguidade**
> Para gregos e romanos, a linguagem e o pensamento eram muito valorizados. Portanto, era considerado humano aquele que pensava e falava. Sendo assim, para alguns filósofos, os surdos-mudos[1] que não falavam, logo não pensavam.
> [1] Surdo-mudo – Eram conhecidos nos períodos da Antiguidade e Idade Média.
> - **Idade Média**
> Época em que o homem era visto como "imagem e semelhança de Deus", segundo a Igreja Católica. Portanto, os que não falavam eram discriminados. Os surdos-mudos que não ouviam e nem falavam a palavra de Deus não recebiam a salvação.
> - **Idade Moderna**
> A oralidade mostra sua importância dentro das famílias feudais. Para que seus herdeiros deficientes auditivos[2] pudessem administrar as riquezas da família eles precisavam falar. Os monges e tutores foram os primeiros a ensinar os deficientes auditivos a produzirem a língua oral, através de diferentes metodologias.
> [2] Deficientes Auditivos – Eram conhecidos nos períodos da Idade Moderna.
> - **Idade Contemporânea**
> A Língua de Sinais é valorizada no Brasil e no mundo. A LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é regulamentada como uma língua no Brasil através da Lei 10.436/2002, inserindo os surdos[3] nos contextos educacionais, profissionais e de entretenimento.
> [3] Surdos – É a forma como são conhecidos atualmente. (ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2014).

Como se percebe, os surdos brasileiros tiveram uma longa caminhada até chegarem à oficialização da LIBRAS como uma língua. Importante ressaltar que "a língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural." (GESSER, 2009, p. 21). E sendo assim, possui "gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis, como as línguas orais: fonológico, morfológico, sintático e semântico." (GESSER, 2009, p. 27).

Dessa forma, a língua de sinais possui regras e uma estrutura própria, caracterizada como uma língua visual espacial. Através dela, os surdos podem se comunicar, bem como comunicar-se com os ouvintes:

> A língua de sinais é uma língua visual espacial, com estrutura e regras gramaticais próprias, com a qual é possível representar conceitos, objetos, seres vivos e não vivos, gírias etc. Ela é um meio de facilitar a comunicação entre os surdos e destes com os ouvintes. Dependendo da região do país, seja cidade ou estado, uma mesma palavra dessa língua pode ser representada por sinais diferentes. O regionalismo está vinculado aos costumes e diversas formas de expor seu significado. (ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2014).

Regidos por parâmetros, os sinais que compõem a LIBRAS se constituem em Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação ou Locação (L), Movimento (M), Orientação da palma da mão (O) e também pelas expressões não manuais, as expressões faciais, como detalha Audrei Gesser em seu livro "Libras? Que língua é essa?". (2009).

Nesse contexto, ao serem sinalizados em uma determinada orientação de palma da mão, sinais iguais ganhariam significados diferentes:

> [...] dois sinais com os mesmos outros três parâmetros iguais (CM, L, M) poderiam mudar de significado de acordo com a *orientação da mão*. Esse contraste de dois itens lexicais com base em um único componente recebe, em linguística, o nome de "par mínimo". Nas línguas orais, por exemplo, *pata* e *rata* se diferenciam significativamente pela alteração de um único fonema: a substituição do /p/ por /r/. No nível lexical, temos em LIBRAS pares mínimos como os sinais *grátis* e *amarelo* (que se opõem quanto à CM), *churrascaria* e *provocar* (diferenciadas pelo M), *ter* e *Alemanha* (quanto à L). (GESSER, 2009, p. 14-15, grifo do autor).

Dessa breve explicação pode-se compreender que as línguas de sinais são similares às línguas orais, enquanto nível estrutural. E que se "diferem quanto à **forma** como as combinações das unidades são construídas." (GESSER, 2009, p. 19, grifo do autor). Essa diferença consiste principalmente no fato de que o canal de comunicação de uma seja o visual-gestual, o caso da LIBRAS, e da outra seja o vocal-auditivo.

> Toda língua de sinais, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza como canal ou forma de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão, diferentemente da língua portuguesa, que utiliza os sons percebidos pelo ouvido (modalidade oral-auditiva). A diferença não está somente na utilização dos diversos canais de comunicação, está também nas estruturas gramaticais de cada língua.
> Coisas que são ditas nas línguas de sinais não são ditas usando o mesmo tipo de construção gramatical da língua portuguesa, ou seja, as frases são construídas de maneira diferente. A construção de uma frase em LIBRAS obedece a regras próprias que refletem diretamente na forma que a pessoa surda processa suas ideias e com base em sua percepção visuo-espacial. (ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2014).

Partindo desse pressuposto, imaginar que é impossível expressar conceitos ditos como abstratos na língua de sinais é um mito. Esse tipo de noção está calcado na ideia de que a "língua de sinais é limitada, simplificada, e não passa de um código primitivo, mímica, pantomima e gesto." (GESSER, 2009, p. 22). Desse modo, os sinais usados na LIBRAS não são gestos. Afinal, gesto é um movimento do corpo, uma mímica, em que a pessoa dramatiza o discurso. E o sinal é um signo linguístico.

Gesser (2009) em seu livro, já mencionado, se vale da definição do *Dicionário de linguística e fonética* para comparar o gesto com o sinal, revelando que os "gestos são considerados traços *paralinguísticos* ou *extralinguísticos* das línguas orais." (GESSER, 2009, p. 22, grifo do autor). E que, por assim serem, os sinais não são gestos. Não os são, ao se pensar a definição de gestos de acordo com o referido dicionário.

Portanto, "é correto afirmar que as pessoas que falam línguas de sinais expressam sentimentos, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos." (GESSER, 2009, p. 23).

> O surdo pode e desenvolve suas habilidades cognitivas e linguísticas (se não tiver outro impedimento) ao lhe ser assegurado o uso da língua de sinais em todos os âmbitos sociais em que transita. [...] A ausência dela tem consequências gravíssimas: tornar o indivíduo solitário, além de comprometer o desenvolvimento de suas capacidades mentais. (GESSER, 2009, p. 76).

E com o uso da língua de sinais os surdos debatem a política, discutem sobre a literatura, filosofam, falam sobre o tempo, sobre o que aconteceu no seu dia, "além de transitar por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, peças teatrais, contar e inventar histórias e piadas, por exemplo." (GESSER, 2009, p. 23).

Chegado a este ponto, é preciso retomar a questão da poesia em língua de sinais. Em 2006, Rachel Sutton-Spence e Ronice Müller de Quadros fizeram um estudo voltado à poesia em língua de sinais com dois poetas surdos, um brasileiro e o outro britânico, sendo eles Nelson Pimenta e Paul Scott. Às voltas com esse texto, pode-se compreender que a maioria dos assuntos trabalhados na poesia de sinais está ligada às experiências vividas pelos surdos. Experiências essas marcadas pela presença dos ouvintes no "mundo surdo".

Antigamente, os surdos sofriam com a influência do oralismo, a língua de sinais era inferiorizada em relação à língua oral. Segundo as autoras, antes de 1970, era recorrente que os surdos fossem impedidos de criar artisticamente na sua língua natural. Após as mudanças sociais ocorridas em 1960 e 1970, o registro poético em língua de sinais pode finalmente ser realizado. A esse respeito, explicam:

> Essas mudanças incluíram o surgimento do "orgulho surdo", o reconhecimento crescente das línguas de sinais como línguas independentes completas e do trabalho dos poetas pioneiros de língua de sinais, tais como o de Dorothy Miles, de Ella Lentz e de Clayton Valli. (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006, p. 115-116, grifo do autor).

Entre as experiências vividas pelo surdo, inclui-se nessa perspectiva poemas que "celebram declaradamente a língua de sinais e o mundo visual, os que celebram realizações surdas, os que exploram explicitamente os relacionamentos entre surdos e ouvintes e os que comentam sobre o lugar das pessoas surdas no mundo." (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006, p. 116).

Ainda segundo as autoras, o prazer na poesia é um elemento muito importante na língua de sinais. A poesia representa o empoderamento do povo surdo, fortalecendo assim, a comunidade linguística. O empoderamento[4] é devido ao orgulho expressado nos poemas. Um orgulho que vem das conquistas, do reconhecimento da língua de sinais, que por ser visual não é inferior a nada em relação à língua oral, e principalmente, por não necessitar da audição para se comunicar e estabelecer suas experiências de mundo. É expondo essas experiências que o surdo retoma esse empoderamento.

São pelo menos três, as maneiras pelas quais o poeta surdo utiliza e traz para o primeiro plano o sentido da visão. De acordo com as autoras, "o poema pode incluir o uso explícito dos verbos da visão ou fazer a referência direta ao ver ou aos olhos." (Idem, Ibidem, p. 118). Na primeira maneira, os olhos são usados para representar os próprios olhos. Na segunda, vê-se a caracterização, também conhecida como mudança de papel, em que "os personagens dentro do

[4] O termo "Empoderamento", para o educador Paulo Freire, é uma pessoa, grupo, ou instituição "[...] que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e se fortalecer." (VALOURA, 2006, p. 02, grifo do autor).

poema usam os olhos." (Idem, op. cit., p. 118). E na terceira, os olhos do intérprete "podem ser usados de alguma maneira marcada, incentivando a plateia a se envolver na mesma atividade visual." (Idem, op. cit., p. 118).

Vê-se mais adiante que na análise da poesia norteadora do artigo, o poeta surdo utiliza-se dos olhos na mesma definição com que Sutton-Spence e Quadros (2006) explicam, evidenciando assim, sua experiência sensorial. É como se os olhos fossem responsáveis pela poesia em si. Em determinado momento, ele observa rapidamente o horizonte, e é possível nesse instante enxergar o ritmo melódico empregado na linguagem.

Sutton-Spence e Quadros (2006) ainda elucidam sobre o lugar das pessoas surdas no mundo, sua experiência bilíngue – já que estão inseridas em uma cultura marcada fortemente por outra (que envolvem línguas orais) – entre outros. Sobre essa experiência bilíngue, um exemplo claro, é o alfabeto manual. "O alfabeto manual é uma forma na qual as línguas de sinais podem recriar formas das línguas nacionais faladas." (Idem, 2006, p. 126).

Alguns poetas, segundo as autoras, não aceitam o uso do alfabeto manual, alegando que a "poesia na língua de sinais deve ser a mais 'pura' possível, a fim de criar imagens inteiramente visuais e não mostrar nenhuma influência das línguas faladas." (Idem, Ibidem, p. 126, grifo do autor). Porém, percebe-se que "[...] o uso da soletração manual tem uma história longa de uso na poesia em língua de sinais." (Idem, Ibidem, p. 126). Inclusive, observa-se essa soletração manual na poesia em língua de sinais usada para pautar o presente artigo.

Ainda na análise das poesias estudadas pelas autoras, pode-se entender que "os poetas usam a regularidade e a irregularidade perceptiva para salientar o uso de sua língua." (Idem, Ibidem, p. 131). Dentro dessa perspectiva, elas irão discutir a respeito da repetição de componentes sub-lexicais, a criação da simetria nos poemas – regularidade perceptiva, e a criação de novos sinais ou até mesmo a manipulação de sinais existentes – irregularidade perceptiva. Importante frisar essas elucidações das autoras, para que no âmbito da análise a ser feita, possa-se compreender de fato, os sinais utilizados na construção da poesia escolhida.

2.2 E nas mãos, o percurso poético

Sabe-se até aqui, que a poesia é uma linguagem carregada de emoção. Das mãos de um escritor, um poema. Nas mãos de um poeta surdo, sinais fortalecedores de uma cultura. E na Cultura Surda vê-se que, além da emoção, a poesia carrega consigo o orgulho surdo. De acordo com Sutton-Spence e Quadros (2006), a poesia em língua de sinais, bem como a poesia em qualquer outra língua, utiliza de maneira mais intensa a linguagem, para fins de efeitos estéticos. Nesse meio pode-se encontrar o "sinal-arte".

O "sinal-arte" seria o sinal usado pelo poeta surdo justamente para a construção de sua peça poética. Os sinais usados corriqueiramente ganhariam uma forma diferente no momento da poesia. Essa diferenciação poderia estar relacionada ao movimento feito pela mão ou uma configuração de mão intensificada, enfim, algo que faça com que o sinal formal, usado no cotidiano, se torne mais artístico.

A esse respeito, Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) "afirmam que as regras da língua de sinais podem ser violadas, e as localizações e os movimentos dos sinais, alterados, para efeito artístico ou humorístico." (1996 *apud* CHOI et al., 2011, p. 47).

> O uso artístico da língua de sinais pode ser observado também na poesia. [...] assim como a poesia em inglês é ditada pelo som da linha poética – padrão de tonicidade, rima etc. –, a forma da poesia em língua de sinais é ditada pela semelhança e diferença fonética e pelas relações entre as duas mãos. Outros recursos, como movimento do corpo e expressão facial, também têm importante papel. (CHOI et al., 2011, p. 47).

Uma característica encontrada em quase todos os poemas, inclusive nos poemas em língua de sinais, é a repetição. A repetição[5] pode ser percebida em sincronismos rítmicos dos sinais, parâmetros sublexicais dos sinais, os próprios sinais, bem como a sintaxe das linhas ou no nível estrutural maior do poema, como em estrofes.

> Em língua de sinais, a repetição de padrões sublexicais pode ser vista nas repetições de quaisquer parâmetros que compõem todos os sinais. [...] A repetição pode simplesmente ter a apelação estética [...]. Entretanto, a repetição das partes dos sinais pode também servir para destacar relacionamentos incomuns entre sinais e ideias [...]. (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006 *apud* CHOI et al, 2011, p. 49).

Em Sutton-Spence e Quadros (2006), percebe-se a constatação de que, além da repetição, a poesia sinalizada é repleta de rima. Se nas línguas orais a repetição é com as letras, no caso as vogais, consoantes e até sílabas, nas línguas de sinais as rimas podem ser verificadas quando o autor utiliza-se de sinais que compartilham um ou mais parâmetros. Um exemplo seria a realização de mais de um sinal com configuração de mão similar, obedecendo a uma sequência ou não, se repetindo um determinado número de vezes.

Repetição é o que se vê no poema "Inclusão" de Alexandre Melendes.[6] O poema original "Meu Abraço" de Aline Lira, ganhou novos contornos nas mãos do poeta surdo. Sabendo-se que na repetição encontra-se a rima, é perceptível, portanto, que o poema adaptado obedece às características de uma poesia em língua de sinais.

O poema, disponibilizado em vídeo na página do "culturasurda.net", apresentado no Centro de Educação para Surdos – Rio Branco, foi escrito especialmente para o dia dos surdos, conforme explica a autora em resposta à entrevista[7] enviada via e-mail: "[...] *era funcionária do colégio Rio B., e tinha contato com os surdos e com o pessoal da escola de surdos, eles me pediram para fazer um poema, para o dia dos surdos que ocorre todos os anos na escola."*

Melendes na adaptação buscou passar ou fazer com que o poema se tornasse mais entendível aos surdos, segundo Lira. E nas respostas dadas pelo poeta, percebe-se que mesmo com toda a adaptação voltada a esse entendimento do poema, ainda é preciso possibilitar aos surdos uma explicação mais detalhada, pessoalmente: "*Quando eu explicarei para o surdo pessoalmente, o conceito dessa poesia, ele entendeu e sentiu mais emoção*."

[5] Por repetição "[...] pode-se entender desde uma simples tautologia até uma reiteração fonológica." (LOPES, 2009). Na Língua Portuguesa, é coesiva e formulativa na função textual, enquanto que, na função discursiva torna-se intensiva, elucidativa, persuasiva, poética, interacional, organizadora do tópico discursivo. E ainda, é "[...] um recurso linguístico riquíssimo e muito útil para a expressão não só dos nossos pensamentos como também dos nossos sentimentos, não se constituindo, portanto, num defeito de expressão oral ou escrita..." (LOPES, 2009).

[6] Alexandre Jurado Melendes é professor da Escola para Crianças Surdas Rio Branco, e foi integrante da comissão organizadora do II Congresso Internacional de Educação para Surdos Bilinguismo. Atua em prol das causas surdas, defendendo, principalmente, a educação bilíngue para surdos, com a presença de professores surdos, como pode ser visto em seu artigo "Professor e aluno surdos, uma sinergia para a escola e a vida!". (MELENDES, 2011).

[7] Nos apêndices, as entrevistas na íntegra.

Em uma tradução transcultural, como ele mesmo relata mais abaixo, frases do poema original como "tudo cabe dentro da poesia" e "os sons dos pássaros" se transformam em sinais como "árvore", "casa" e/ ou "amigo", na adaptação: "*Sim, eu fiz tradução a Poesia, "Meu Abraço" da Aline Lira, o nome tradução é Transcultural, não faço tradução literal. Por que uma pessoa ouvinte e surdo precisam saber dois idiomas Bicultura."*

Como foi evidenciado, para analisar a poesia em questão (Inclusão), fez-se necessário antes, manter um contato tanto com a poetisa ouvinte, criadora do poema original, quanto do poeta surdo, intérprete do poema adaptado. Um poema, afinal, adaptado ou traduzido?

Em Souza (2008), em que a questão é tratar a *traduzibilidade poética*, vê-se esclarecido o conceito de "traduzibilidade", de acordo com os autores Shuttleworth e Cowie (1997: 179-181 *apud* SOUZA, 2008). Segundo Souza, na concepção desses autores, a traduzibilidade seria "um termo usado – assim como o seu antônimo, intraduzibilidade – para tratar da extensão até onde se é possível traduzir quer sejam palavras isoladas e frases, quer sejam textos inteiros de uma língua para outra" (SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997 *apud* SOUZA, 2008 p. 315).

Ainda compartilhando da análise de Souza (2008), entende-se que para se chegar a esse conceito, um antagonismo entre dois argumentos eclodiu: um salienta que línguas diferentes não se entrecruzam, e o outro trata "sobre o fato de que mesmo havendo as particularidades de cada língua que as impede de 'entrecruzar' com outras, a tradução ainda acontece, geralmente com um grau de sucesso aparentemente alto." (SOUZA, 2008, p. 315, grifo do autor).

Desse modo, a produção realizada por Melendes é de fato, reconhecida como uma tradução, baseando-se nas noções precedentes. Dito isso, pode-se considerar que o poema não se trata apenas de uma adaptação, e sim, de uma tradução. Uma tradução transcultural, como o próprio poeta declara.

2.3 Na inclusão, meu abraço

Como bem se sabe, o *eu poético* é a voz que fala, que expressa sentimentos dentro do poema e o autor é quem o cria. Assim, o *eu poético* "materializa toda essa emoção, mediante a magia e o encantamento que a arte poética nos proporciona, assumindo uma outra voz, uma outra identidade." (DUARTE, 2012).

No poema de Aline Lira, "Meu Abraço", pode-se observar que o *eu poético* fala a respeito da universalização do abraço, da sinalização imbuída gradativamente na sociedade, da não segregação dentro da poesia, onde *não há espaço vazio* (como é bem definido na terceira linha), cabendo salientar, que assim, fica claro que a poesia não é constituída por preconceitos. A seguir, vê-se o poema "Meu Abraço", de Lira:

O que cabe dentro da poesia?
Tudo cabe.
Não há espaço vazio.
Há preenchimento, acolhimento.
Abraços.
Ah... O abraço!
Quer coisa mais universal?
E cabe o passo, o laço.
Cabe o sinal.
A comunicação.
O gesto, a gramática.
A expressão.
A sinalização.
Tudo cabe dentro da poesia.
Os sonhos. Os sons dos pássaros.
A chuva.
E tudo cabe, e tudo voa pelas mãos.
Meu abraço.
A inclusão. (LIRA, 2013).

Dentro da possibilidade estética que um poema visual necessita para ser agradável aos olhos, vê-se que a "traduzibilidade poética" (SOUZA, 2008), contida no vídeo, recorre ao poema em língua portuguesa (original) narrado, enquanto que Melendes recria o poema em língua brasileira de sinais. Assim, o vídeo traduz uma criação poética visualmente para os surdos, enquanto abrange dois sentidos nos ouvintes (visão e audição).

Para ser feita detalhadamente a análise, portanto, foi preciso que a tecla "sem som" do programa que estava reproduzindo o vídeo fosse ativada. Pois assim, garantia-se que o sinal a ser reconhecido não sofreria nenhuma influência do poema narrado em conjunto. Mediante a essa metodologia, em um caderno à parte, foram anotadas cada sentença criada por Melendes, como se reflete a seguir.

A poesia começa com o alfabeto manual (Fig. 1). É possível identificar algumas letras, alguns sinais. A expressão facial é de quem não consegue compreender o que está sinalizando. Como se esse alfabeto, essa datilologia, fosse a evidência da influência de uma língua que não é a sua; como se o surdo não pudesse se identificar com aqueles sinais, com aquela cultura.

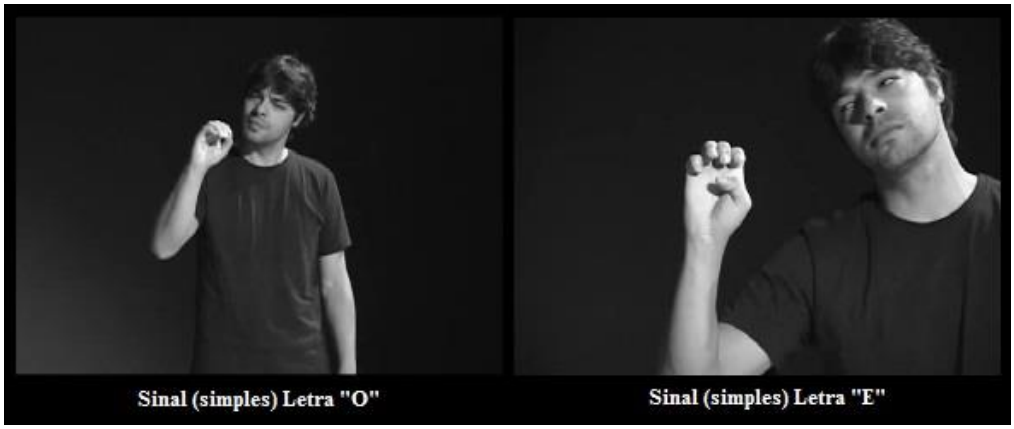

Figura 1

De acordo com Sutton-Spence e Quadros (2006), tem-se aqui a experiência bilíngue, na qual o alfabeto manual vem caracterizar a influência de uma cultura baseada na língua oral. No entanto, a expressão facial toma outra proporção ao olhar e reconhecer as mãos, como se estivesse as percebendo naquele momento (Fig. 2). E com esse reconhecimento, começa a reconhecer a si mesmo, sua identidade surda. O olhar, como sempre, acompanha todas essas etapas da poesia, corroborando as definições da experiência sensorial explicada pelas autoras.

Figura 2

A partir de então, tem-se a sinalização de "casa" num ponto de articulação próximo aos olhos. Ilustrando com isso, a subjetividade de um lar. Pois o sinal seguinte, "velho", traz consigo uma expressão facial de negatividade, dando-se assim, uma conotação de que esse lar é um lar antigo. Vê-se nessa parte a repetição, no caso a rima, dos mesmos sinais: "casa" e "velho" (Fig. 3).

Figura 3

A poesia segue com o sinal mais uma vez de "casa", dessa vez, acompanhado do sinal de "amigo" e de uma expressão facial de aprovação, percebendo-se a intenção de demonstrar uma satisfação em se ter um lar amigo, um lar aconchegante. Intenção essa, reafirmada na repetição dos mesmos sinais, mais o sinal de "dormir" acrescentado ao final (Fig. 4).

Figura 4

Repetição dos mesmos sinais, buscando uma simetria, acrescentando o sinal de "sonhar". Ressalta-se que esse "sonhar" vem a se equivaler ao "sonhar" nº 3, encontrado no Novo Deit-Libras (2011), em que:

> [...] trata-se de sinal formado pelo morfema Mente (Atividade Cognitiva e Intelectual) codificado pelo local de sinalização na região da cabeça, como nos sinais INTELIGÊNCIA, INVENÇÃO, LEMBRANÇA, MARCANTE (INESQUECÍVEL), MENTE ABERTA (LIBERAL), PENSAR – REFLETIR, PSICOLOGIA, TRAUMATIZAR, TENTAR, VIDENTE, RESOLVER, DECIDIR – RESOLVER, SABER, OBJETIVO, CONSCIÊNCIA. (CAPOVILLA, RAPHAEL E MAURICIO, 2011, p. 2049).

A poesia, num crescente, mostra que o surdo acorda, está na casa, mas quer ir além. Pode-se dizer que quer mais de seus direitos. Quer alcançar mais conquistas. Segue-se então, o sinal de "abrir a porta" duas vezes, mas com uma configuração de mão diferente e mais uma vez, o olhar de quem *vê* a poesia (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006) é conduzido a uma direção (Fig. 5). Os olhos estão fixos no horizonte, para conduzi-los até ao próximo sinal, "árvore". Mas não a uma árvore qualquer, e sim, a uma macieira. O surdo se alimenta desse fruto, sinaliza "casa" novamente, mas dessa vez o sinal cumpre uma função estética, na qual a repetição do mesmo sinal, do lado contrário, vem conduzir a poesia em uma simetria e a um ritmo melódico.

Figura 5

E novamente num movimento crescente, a poesia vem ilustrar o sinal de "cheio" – ele já está satisfeito com as maçãs – para logo liga-lo ao sinal de "pássaro". Cansou-se das maçãs, do espaço apertado, da dependência. O surdo quer saborear mais o que tem lá fora. Percebe-se aqui, o "sinal-arte" (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006) se manifestando. Os sinais se interligam como se fosse uma dança; em uma conversa formal, não seriam sinalizados assim.

E então, mais uma vez numa simetria, vê-se "pássaro" se interligando ao sinal de "chuva". Como se tudo realmente voasse pelas mãos (se assemelhando ao poema original). A chuva vai caindo, as mãos vão se abaixando, e sutilmente, vê-se sinalizado um "abraço" (Fig. 6). Por um breve momento permanece neste sinal, como se no abraço contivesse a certeza do que vem sinalizado logo em seguida: a inclusão. De "abraço" as mãos deslizam para "inclusão" (Fig. 7), reforçando a tese de que a inclusão deve ser, e é universal tanto quanto um abraço. E assim, vê-se finalizada a ideia de que a poesia abraça, acolhe, inclui todas as pessoas. Sem distinção, sem preconceitos.

Figura 6

Figura 7

CONCLUINDO A INCLUSÃO

E então, a poesia acaba. E fica a pergunta: seriam perceptíveis todas as sutilezas em apenas uma visualização? Será que ao se ver o vídeo lentamente e várias vezes, não se inflige alguma lei relacionada à *primeira impressão é a que fica*? O surdo, clara e certamente, entenderia logo a princípio alguns sinais que aqui foram examinados minuciosamente.

Talvez Strobel tenha razão em dizer e querer que a cultura surda seja defendida por uma pedagogia surda, por surdos. Não que a poesia em língua de sinais não seja bela. É bela, é grande, é impactante. Mas a poesia encontrada como base é suspeita quanto a isso. Por conter um conteúdo para ouvinte, fica mais fácil uma identificação logo de início de quem não tem acesso a Libras e é ouvinte. Entretanto, ao silenciar-se o som, igual ao que foi feito para avaliar os sinais à parte, será que ainda assim obter-se-ia o mesmo sentido, a mesma essência da poesia?

A respeito da explicação, sobre "sinal-arte", o artigo tinha como dúvida principal a questão sobre sinais serem ou não modificados/diferenciados ao preencherem uma poesia em língua de sinais. Foi observado então, que sim, os sinais sofrem uma pequena ou grande alteração para fins estéticos e poéticos em relação à construção da poesia em língua de sinais. Igualando-se dessa maneira, ao caso das palavras que ganham um outro ritmo e até mesmo sentido, quando colocadas em uma linguagem poética.

Mas então, qual o porquê da dúvida quanto à essência perdida ou não da poesia em língua de sinais? Se o sinal recebe novas formas dentro da poesia, se faz o leitor – ou espectador – adentrar uma atmosfera poética, por que ainda questionar sobre a essência? Está claro que existe uma essência! Mas uma essência visual. A poesia deixa de ser ouvida, para ser desfrutada visualmente. Por isso, ao *ver-se* uma poesia *ver-se-á* a poesia. Será sentida, será entendida.

História triste de lutas e amarguras é essa, que todos os surdos carregam consigo. Por tantas faltas, o orgulho em ser surdo foi se manifestando, ganhando espaço, crescendo, se instalando, e hoje, anda junto com o empoderamento. Mas surdo nas poesias não se lamenta pela falta ou não de qualquer sentido que seja. Que *sentido* há nisso? Surdo enobrece a natureza, reflete sobre a cultura surda, sobre o lugar das pessoas surdas no mundo.

Assim, ser ouvinte e visitar o mundo dos surdos é concluir que a inclusão ocorreu. A poesia e a sensação ocorreram. Na poesia conheceram-se os efeitos estéticos, artísticos. Quando um sinal se repete determinado número de vezes são as rimas se manifestando, gritando por apreciações. Conheceu-se também a experiência sensorial e bilíngue, ainda impregnadas no suor de cada surdo, poeta ou não. Constatações que demonstram que passado não se esquece, vive-se até não mais restar uma gota amarga dele.

Sobre a inclusão, a que não é a poesia, foi visto que incluir é acolher. É agregar ao meio. Como na junção das palavras dispostas no título dessa consideração. Ao se acolher a cultura de cada povo como sua, aprende-se a respeita-la, a conviver com ela. O povo surdo possui uma língua própria, com uma estrutura própria, uma cultura própria. E se tudo é próprio de um povo, por que com a poesia seria diferente?

Portanto, a poesia em língua de sinais também é própria do povo surdo. Dito isso, a análise da mesma não deveria ser feita sob influência de termos tirados, primeiramente, da Língua Portuguesa. É como se a Libras sofresse comparações em *como* e em *que* o sinal se parece com tal palavra, com tal frase, ou tal situação. Como se a inclusão ocorresse de forma restrita: ela existe, mas dentro dos limites impostos pela língua oral. Então, vê-se que a *repetição*, por exemplo, vai ser catalogada como um elemento poético em Língua Brasileira de

Sinais, graças a uma definição criada, a princípio, em outra língua. Sendo comparada, portanto, com a *rima* encontrada na Língua Portuguesa.

Então, o que pensar dessa inclusão? Na conclusão, é preciso lembrar que não são finitas as considerações finais. As ressalvas são feitas, mas não se espera concluir um assunto tão expansivo como o da poesia em língua de sinais. O objetivo era conhecer e analisar uma poesia dentre tantas: objetivo concretizado. Mas a sensação de que ainda é passível de complementação essa análise, paira no ar: afinal, o que concluir dessa inclusão vista como limitada? O surdo tem seu espaço ampliado através de leis. Porém, esse espaço proporciona, de fato, uma inclusão?

Tem-se a *conclusão*, desse modo, de que essas leis também foram criadas para uma *inclusão*. Mas se tantos aspectos da língua oral influenciam a língua de sinais, como reconhecer, enfim, que essa *inclusão* é uma inclusão justa? A inclusão precisa e deve ser uma *Inclusão Surda*, respeitando os parâmetros e as terminologias próprias da língua. Uma inclusão que pense e valorize cada vez mais a Cultura Surda. Afinal, a inclusão é isso: um emaranhado de novos acolhimentos, novos abraços.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina L. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas.* São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2011.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Nova minigramática da língua portuguesa*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 2004.

CHOI, Daniel; [et al.]; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha (org.). *Libras – Conhecimento além dos sinais.* São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. *O eu poético versus o autor.* Disponível em: http://www.portugues.com.br/literatura/o-eu-poetico-versus-autor.html. Acesso em: 23 de maio de 2014.

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES. *Curso on-line de Introdução à Libras.* Disponível em: efp.cursos.educacao.sp.gov.br. Acesso em: 23 de maio de 2014.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Língua e Literatura.* São Paulo: Ed. Ática, 1998.

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.* São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *A repetição na Língua Portuguesa*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/revista/32/09.htm. Acesso em: 14 de junho de 2014.

MELENDES, Alexandre Jurado. *Inclusão.* Disponível em: http://culturasurda.net/2013/10/11/inclusao/. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

_____. *Professor e aluno surdos, uma sinergia para a escola e a vida!* Disponível em: http://www.accbinclusao.org.br/artigo/7/professor-e-aluno-surdos-uma-sinergia-para-a-escola-e-a-vida-por-alexandre-jurado-melendes. Acesso em: 13 de junho de 2014.

SHUTTLEWORTH, M. e CO WIE, M. *Dictionary of Translation Studies.* Manchester – UK: St. Jerome, 1997. In: SOUZA, Saulo Xavier. *Traduzibilidade poética na interface Libras-Português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em Bandeira Brasileira de Pimenta (1999).* In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (org.). *Estudos Surdos IV*. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. p. 309-362.

SOUZA, Saulo Xavier. *Traduzibilidade poética na interface Libras-Português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em Bandeira Brasileira de Pimenta (1999).* In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (org.). *Estudos Surdos IV*. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. p. 309-362.

STROBEL, Karin Lilian. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Florianópolis, 2008. 176 p. Tese de Doutorado em Educação - Educação e Processos Inclusivos, Universidade Federal de Santa Catarina.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller de. *Poesia em Língua de Sinais: traços da identidade surda.* In: QUADROS, Ronice Müller de (org). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. 110-165.

VALOURA, Leila de Castro. *Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador.* Disponível em: http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Comportamento_organizacional/empowerment_por_paulo_freire.pdf. Acesso em: 12 de junho de 2014.

APÊNDICES

Entrevista (1) - Aline Lira responde em 07 de março de 2014, às seguintes questões enviadas via e-mail:

1)- Como concebeu a poesia "Meu Abraço"? No que você pensava? O que sentia? O que a influenciou? Antes dessa, já havia escrito outras poesias?
Eu escrevo desde os 14 anos, então, todos que acabam me conhecendo ficam sabendo desse lado poético, era funcionária de audiovisual do colégio Rio B., e tinha contato com os surdos e com o pessoal da escola de surdos, eles me pediram para fazer um poema, para o dia dos surdos que ocorre todos anos na escola. Tentei me imaginar sendo uma pessoa surda, em como me sentir na sociedade e também na liberdade que a escrita poética proporciona.

2)- A poesia conta com palavras como "sinalização", "inclusão". É uma poesia voltada para a cultura surda? Qual é o seu elo com os surdos? E qual é a reação que você espera de surdos e ouvintes ao "lê-la"?
Sim, a poesia é voltada para a cultura surda, utilizei as palavras citadas justamente para chamar a atenção de quem lesse ou assistisse o vídeo entender um pouco melhor como eles se comunicam. Meu elo não é extenso, mas trabalhei 2 anos convivendo com eles, em geral, são muito carinhosos. A reação pude ver ao vivo, eles se emocionam bastante.

3)- Em relação ao vídeo "Inclusão", como foi ajudar a criá-lo? Você participou do processo de "reescrita" da poesia? No seu ponto de vista é uma adaptação? Uma tradução? E o que você, como autora, espera como reação do público surdo e ouvinte ao "ver" o vídeo?
O vídeo tb produzido pelo colégio foi bem interessante ensaiar e gravar (fiz câmera), o professor Alex que faz a sinalização é surdo e bem conhecido na comunidade surda, ele me perguntou se me importava com a adaptação, eu disse que não, e acredito que na verdade ficou bem próximo do poema original, adaptaram mais pra se fazer "entendível" pro audiovisual. Espero que as pessoas sintam a sensibilidade que a poesia carrega em si, e claro, que se sintam inclusas como qualquer ser humano na sociedade e para os não surdos, que eles conheçam e criem interesse pela comunidade surda.

Entrevista (2) - Alexandre Melendes responde em 28 de maio de 2014, às seguintes questões enviadas via e-mail:

- Como foi realizar a adaptação e/ou tradução do poema original "Meu Abraço" de Aline Lira?
Sim, eu fiz tradução a Poesia, "Meu Abraço" da Aline Lira, o nome tradução é Transcultural, não faço tradução literal. Por que uma pessoa ouvinte e surdo precisam saber dois idiomas Bicultura. O conceito essa poesia transforma aos surdos podem sentir ou pode entender o conceito da poesia. Depende foi realizar a adaptação mesmo.

- Houve alguma dificuldade?
Não é apenas difícil ou não é apenas fácil… Depende, se pessoa entende duas Línguas tipo bi-cultura que pode ajudar muito sim, acredito que a cada pessoa tem sua interpretação diferentes, por exemplo se você lê numa poesia será mesma outra pessoa leia a sua interpretação??

- Você já havia realizado práticas assim de tradução/interpretação antes?
Sim, foi ótima experiência… fez tradução a tv legenda para crianças surdas, ou Gestuno (Língua de sinais internacional como se fosse Língua esperanto) para LIBRAS, as vezes faço a ASL para LIBRAS ou a LIBRAS para ASL, livro: contação da História, poesia, letra de musica entre outros… sim… Aprendi o curso de formação de interprete.

- O que te levou a usar os sinais que foram utilizados?
Bom… Lembra te falei, Por que é minha interpretação, essa tipo tradução que eu fiz isso, o chamado é interprete transcultural ou tradução transcultural.

- O que você espera que surdos e ouvintes sintam ao assistir o vídeo?
Estou dizendo sincero essa poesia para ouvinte que sente mais emoção do que surdo. Quando eu explicarei para o surdo pessoalmente, o conceito dessa poesia, ele entendeu e sentiu mais emoção. Por motivo eu fiz essa vídeo era "Festival do minuto" gravou esse vídeo apenas mínimo um minuto por isso era o nosso projeto produção que não cabia tudo a gravação, tem uma parte cortou pouquinho.

- O que a poesia significa ou representa para você?
Pra mim significa é inclusão social, demonstrou a poesia estamos lutando exclusão social. Nos somos humano, cidadão e somos iguais e temos direitos humanos. Essa poesia que provoca refletir na cabeça da pessoa, entenderia o conceito essa poesia.
- Já criou poesias antes desse poema? E depois? Qual é a sensação?
Sim já, Pra mim essa poesia bem legal!! Depende poesia e depende letra de musica... Não é toda que eu posso sentir emoção, por exemplo, eu amo e me deu mais arrepiado enquanto leio a letra de musica chamada "Imagine" do John Lennon, pra mim é muito significativo, por que ele viveu sua lutar contra a guerra na época década 70, Conheço a historia por isso pra mim é muito sentido!! Além disso, essa letra de musica é muito significativa, depende... Imagine se você já ouviu ou leu uma poesia de inglês, se você sabe falar em inglês como segunda língua ou Língua fluente, será? é mesma sentir o sentido quando ler a poesia inglesa?
É mesma coisa… Por isso depende qual é a sensação.

É muito importante saber, uma pessoa pode fazer tradução quaisquer idiomas poderia perder informações de sentidos!? Depende letra de musica e depende letra da poesia... Não é qualquer pessoa capaz fazer isso, tipo interprete ou surdo faz tradução ou ouvinte faz tradução... Não é simples assim, é pra quem uma pessoa tem uma habilidade e competência sabe o modo de fazer tradução ou bem talentoso. Não é simples...
Por exemplo, o Sandro Pereira dos Santos é surdo, ele é um grande talentoso apresentar a poesia ou tradução de Língua portuguesa para LIBRAS ou contrario, tradução letra de musica transforma a poesia, por que musica não é significativa para surdo, o que é significa "MUSICA"é um som ou tipo melodia… Não combina o mundo Surdo, então o Sandro é um ator excelente... Não é qualquer pessoa pode fazer o papel o ator como o Sandro pra fazer isso... Por exemplo, me falam que a Cantora Ana Carolina a voz é linda e a musica dela é linda! Imagine se for a letra de musica da Ana Carolina passa para o Milton Nascimento cantaria será mesma sentido?? Não!! Por que todas as pessoas interpretes fazem tradução letra de musica ou poesia para libras, acho que muito estranho!